

## **Bipartida Sinapse**

### **SYNAPSE BIPARTITE**

Marcelo Calderari Miguel (UFES)  
<http://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

#### **I Decomposição Patriótica**

Buscou o prazer como quem caça um mito vão,  
Julgando-se um messias, num trono de papelão.  
Achava que o mundo girava ao seu bel-prazer,  
Mas era só um espelho, a sua ruína a tecer.

Incompetente escória, com lábia de coral,  
Fez da mentira um decreto, e do povo, um curral.  
Desprezou o verde, e a ciência, em desespero, se rendeu,  
Seu amarelado veneno, o país inteiro estendeu.

Nunca largou a bravata, qual vício constante,  
Onde o povo era gado, e ele, favorável farsante.  
Tripudiou da justiça, qual rato em disparada,  
Mas a máscara, essa, já era uma farsa desgastada.

O país se afundou, e ele lá, réu, bibelô de pé,  
Com insequente sorriso, sem alma e sem fé.  
Entravou o planalto e as joias, feito de um vilão,  
E a nação, lamentável, refém do idiota fanfarrão.

A cada gesto, um meme de escárnio e dor,  
A cada decreto, o social esfaqueou, sem pudor.  
Entre cardume, cloroquina e motociatas banais,  
O povo chorava, enquanto ele se vangloriava, rapaz.

Ah, quem te ouviu, oh, capitão de araque e vão,  
Com tua busca pelo golpe, a ruína em profanação.  
Tu, que te julgavas mito, sem saber o que é reinar,  
Não percebes que a podridão é o teu legado a comboiar.

## II Apoteose e Minutas, Punhal Hipocrisia

Busca o gozo, sem pudor ou razão,  
Num turbilhão de excessos, sem freio, sem direção.  
O “sábio”, em labirinto de ilusão,  
É um fiasco ambulante, de alma em desolação.

Julga-se um deus, com aura de grandeza vã,  
Veste a capa da moral, mas exala a vilã.  
Ser desprezível, sedento por poder e fama,  
Na delinquência, seu prazer se inflama.

Exalando arrogância, com língua de serpente,  
Vive em teatro de sombras, onde a alma se ausenta.  
Se o povo afunda, ele se diz contente,  
O espetáculo grotesco, seu feito indecente.

No palácio de mentiras, sua ruína se ostenta,  
Comandando multidões, enquanto a verdade se acovarda.  
Aplaudido por tolos, em cegueira que atormenta,  
Enquanto o povo se perde, em desigualdade que retarda.

Lá do alto, onde a visão se turva em névoa densa,  
Esse ser de vaidade ignora a dor que o tempo adensa.  
Fingindo-se rei, em trono de falácia e engodo,  
Em breve, o povo expõe sua mácula, sem medo.

Entre insuflados risos e luxos, o prazer é seu fardo,  
Ignorando a miséria, que afoga o povo felizardo.  
Quem governa com ego, sem respeito ou valor,  
Verá seu império ruir, no imbrochável clamor.

O prazer é veneno, que corrompe alma e ser,  
No fim, o que resta da trama, é o nada a se ter.  
Quem se julga Deus, em seus modos arrogantes,  
Cairá do pedestal, exposto núcleo e distante.

Que o prazer não seja o estandarte a se erguer,  
E que a força do povo o faça tremer, sem reter.  
Pois o que não se perde, é razão e dignidade,  
E essa, jamais será subvertida na crápula falsidade.

E quando a máscara cair, e o trono se romper,  
O eco do silêncio, sua alma há de corroer.  
Pois a verdade, como um rio, há de fluir,  
E o povo, enfim pontua, a justiça há de sentir.